

O risco de mudança de estação na África e Oriente Médio

Roberto Carvalho de Medeiros (*)

O mundo inteiro tem assistido um conjunto de fatos no antigo *Magreb*¹ e no Oriente Médio que, a meu ver, por si só já podem ser considerados históricos, tanto que a série de manifestações populares esta sendo denominada por "Primavera Árabe".

Desde os movimentos sociais que derrubaram governos ditatoriais há anos no poder, especialmente o egípcio, até os mais recentes atos de extrema violência na Líbia e na Síria, não se conhece existência de fato capaz de promover tamanha mobilização comunitária. É fascinante observar o poder das ferramentas modernas oferecidas pelas redes sociais para contribuir na difusão dos valores mais caros do Homem, quais sejam, a Liberdade e os Direitos Fundamentais há décadas sintetizados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e proclamada por Resolução da Assembléia Geral das Nações Unidas em 1948.

O tempo passou e foram surgindo outros momentos históricos que se destacaram desde aquela ocasião. O risco ao erro é enorme em se aventurar a citá-los, pois a possibilidade de minimizar esse ou aquele fato é real. Todavia, no que compete ao momento atual que passam aquelas duas regiões de alta sensibilidade cultural, religiosa e social, o risco torna-se aceitável, a fim de melhor entender as perspectivas regionais ali decorrentes. Destacam-se, dentre outros de igual importância, o processo de descolonização patrocinado pelos países "vencedores" da Segunda Guerra Mundial e supervisionado pelo recém criado organismo internacional de alcance global (ONU), estipulando fronteiras ilegítimas entre novos estados, a criação do Estado de Israel e os conflitos armados empreendidos entre este e seus estados vizinhos; os reflexos da Guerra Fria; as duas crises do petróleo; o fundamentalismo islâmico e o advento das ações terroristas à ele decorrente; os impactos da queda do Muro de Berlim; e a implosão da antiga URSS, com o desmantelamento dos seus estados-satélites. São fatos de inegável substância que concorreram para uma cinemática semelhante ao das peças de um dominó, conduzindo uma após outra à queda de forma irreversível caso não ocorra nenhuma ação externa àquele conjunto em movimento.

Quando observado de perto, fica nítido e lícito afirmar que todos os eventos políticos ali desenvolvidos passam, sem exceção, pela questão "judeu-palestina". Tentativas de negociação de paz foram empreendidas sob os auspícios dos EUA junto aos variados representantes dos dois atores em litígio, umas com maior musculatura política e estratégica, outras nem tanto, promovidas ora pelo governo israelense, não aceitas pelos palestinos, ora fomentadas por estes, mas rechaçadas por Israel.

Voltando à "Primavera Árabe", nenhum movimento ali surgido e ampliado, mesmo sem se consolidar (ainda), foi e é de maior amplitude e profundidade do que o em plena atividade na Síria². Enquanto que a Tunísia, o Egito, o

¹ Região do norte da África que abrange Marrocos, Sahara Ocidental, Argélia, Tunísia ("Pequeno Magreb"), Mauritânia e Líbia. Vide mapa 1.

² Vide mapa 2.

Bahrein e a Líbia implodem, os movimentos sociais promovidos pelos sírios concorrem para uma verdadeira "explosão" nas duas regiões³. Isto porque a provável democratização do regime sírio repercutira diretamente no Líbano, onde a Síria possui (ainda) forte controle político e militar, inclusive com apoio velado ao partido *Hezbollah* xiita; no Irã, pois apóia idéias e exporta ações relacionadas com a Revolução Iraniana desde sua implementação naquele país; na Turquia, um de seus vizinhos, onde compartilha a diversidade étnica, especialmente os curdos; no Iraque, que também compartilha os levantes cursos por reconhecimento étnico-político, além de servir de passagem para *jihadistas*⁴ suicidas; em Israel, o qual há pouco desenvolvia negociações sigilosas para uso compartilhado das Colinas de Golan; e com o Hamas, organização palestina sunita de resistência islâmica radical, cujo líder vive em Damasco⁵.

O que mais aflige os estudiosos é o contra-senso adotado dias atrás pelo líder palestino moderado Mahmoud Abbas ao firmar acordo de reconciliação com o *Hamas*, recusando a fazer concessões a Israel e desfazendo anos de construção institucional, uma demanda na contramão das negociações bilaterais, prestes a deixar para trás uma paz relativa conquistada na região, com inédita e crescente prosperidade econômica e social Cisjordânia, obtida com o apoio dos EUA.

O premiê israelense Benjamin Netanyahu esteve na Casa Branca e foi cauteloso e relutante em aceitar as sugestões propostas por Barak Obama para reiniciar mais um processo de paz entre Israel e os palestinos, defendendo os variados assentamentos judaicos em terra palestina. Na mesma ocasião também externou, agora diante do Congresso dos EUA, que aceita a solução de dois estados (Israel e Palestina), inclusive disposto a fazer "concessões dolorosas"⁶ aos palestinos para atingir a paz na região, mas também reafirmou que o retorno para as fronteiras de 1967 e a divisão da capital Jerusalém são questões indefensáveis.

Fadado a mais um fracasso (infelizmente), Abbas sinaliza em usar a "Primavera Árabe" como instrumento de massa contra Israel. Aliás, a única identidade ainda presente entre árabes e não árabes muçulmanos é o ódio contra Israel. Essa provável manobra palestina em vez de levar à paz desencadeara mais uma nova intifada⁷ que, lamentavelmente, concorrera para mais um conflito armado no Oriente Médio.

Cabe mais aos EUA impedir tal demanda do que Israel, pois este esta há anos em condições político-militares de prontidão para defender seus interesses estratégicos contra quem os desafie, e as repercussões serão inevitavelmente pesadas não só para ambos os atores, mas, sobretudo, apagando o brilho das formidáveis conquistas obtidas pela já ameaçada "Primavera Árabe".

³ Vide mapa 3.

⁴ Militantes palestinos da *Jihad Islâmica da Palestina*, grupo este considerado terrorista pela comunidade internacional, que prega a destruição do Estado judeu e a constituição de um Estado Islâmico na Palestina.

⁵ Vide mapa 4.

⁶ Trata da possibilidade de ceder partes da sua "terra ancestral".

⁷ Designa dois fortes movimentos palestinos contra a presença de Israel nos territórios ocupados e em certas áreas teoricamente devolvidas à Autoridade Palestina (Faixa de Gaza e Cisjordânia).

Tipicamente associada ao reflorescimento da flora e da fauna terrestre, a esperança embutida nessa Primavera vai sendo substituída pela “queda na temperatura e o amarelar das folhas” do Bom Senso humano.

(*) – Capitão-de-Mar-e-Guerra (Reformado) e Diretor de Relações Internacionais do Instituto Sagres.

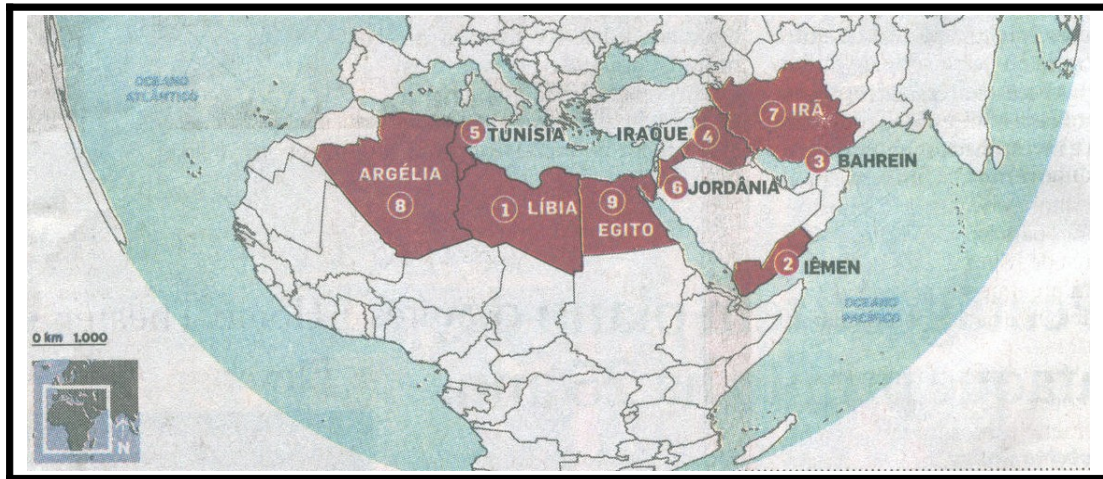
MAPAS



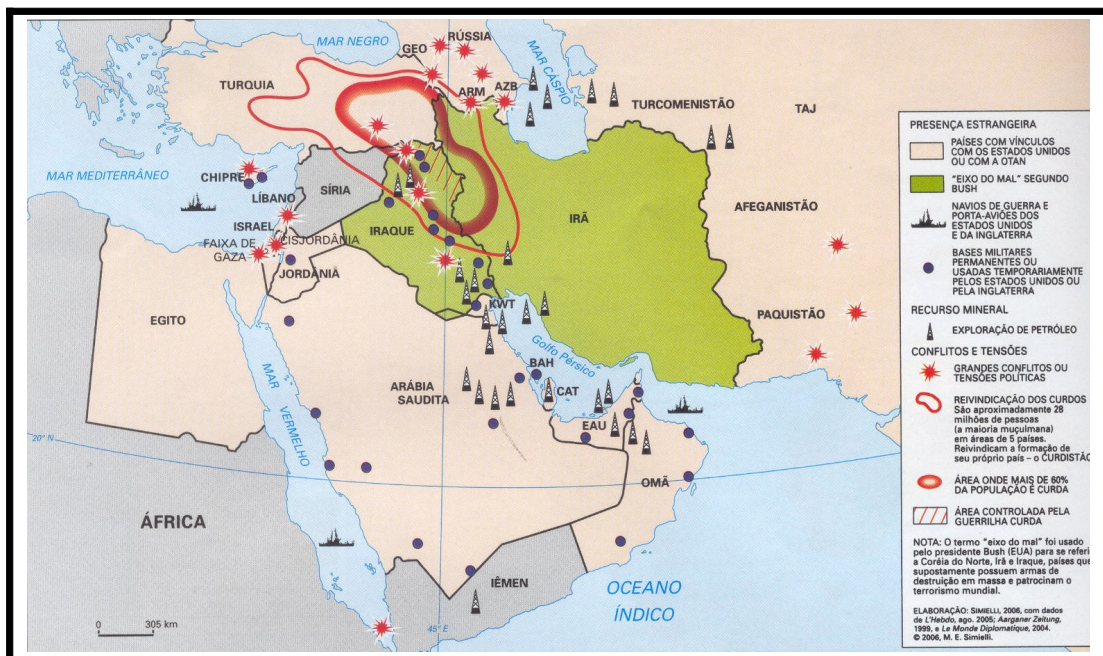
Mapa 1 – O Magreb



Mapa 2 – Síria e o entorno



Mapa 3 – Regiões turbulentas (extrato)



Mapa 4 – Síria e o Oriente Médio